

## **Revue Franco-Brésilienne (Rio de Janeiro, 1898)**

### **Uma aventura parnasiana na Belle Époque tropical**

Valéria dos Santos Guimarães

#### **Resumo**

*O artigo é um estudo sobre a Revue Franco-Brésilienne publicada em fins do século XIX no Rio de Janeiro e que reuniu nomes expressivos da intelectualidade da época. O objetivo desse artigo é analisar um dos periódicos literários que tinha como proposta explícita a cooperação binacional. A análise está focada no papel de alguns de seus editores e colaboradores na consolidação desses vínculos e na constituição de um campo cultural e literário do início do século XX sob uma perspectiva transnacional.*

#### **Abstract**

*It is a study of a French-Brazilian journal published at the end of the 19th century in Rio de Janeiro and which brought together expressive names of the intellectuals of the time. The aim of this article is to analyze one of the French-Brazilian literary periodicals that had as its explicit proposal the binational cooperation, exposing the role of some of its editors and collaborators in the consolidation of these bonds and in the constitution of a cultural and literary field of the beginning of the 20th century under a transnational perspective*

A imprensa franco-brasileira, cuja publicação se concentrou sobretudo nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, apresentou uma tipologia variada de títulos desde 1827, quando estreou no Rio com *L'Indépendant – feuille de commerce, politique et littéraire* até o último título que se tem notícia *Le Journal Français du Brésil*, que começou a ser publicado em 1951 no Rio e durou cerca de dez anos<sup>1</sup>.

Foram mais de cem anos de publicações nessa língua, somando cerca de cinquenta títulos, com a maioria deles atuando como representante da colônia e de seus interesses. Os imigrantes franceses eram seus leitores mais óbvios, o que não impediu que seus editores se dirigissem igualmente a um público amplo de francófonos, sejam suíços, belgas, sírios, libaneses. Esses jornais, revistas e almanaques eram também consumidos por todos aqueles que liam no idioma, brasileiros e estrangeiros, uma vez que o francês predominou como língua franca até meados do século XX<sup>2</sup>.

A maioria da imprensa alófona se concentrou na tarefa de estabelecer vínculos com a sociedade em que foi publicada e o caso brasileiro não foi diferente. Em maior ou menor grau, houve participação de brasileiros em praticamente todas as redações dos periódicos franceses que surgiram no país em decorrência da imigração, os quais ganharam prestígio como resultado da importância cultural exercida pela França no meio intelectual nacional. As redes se estabeleciam igualmente em outros níveis, como nas relações comerciais, políticas e culturais com apoio de suas instituições de representação, como associações e clubes.

O objetivo desse artigo é analisar a *Revue Franco-Brésilienne* (1898), um dos periódicos literários franco-brasileiros e que tinha como proposta explícita a cooperação binacional, como deixa claro no título, expondo o papel de alguns de seus editores e colaboradores na consolidação desses vínculos e na constituição de um campo cultural e literário do início do século XX.

A hipótese principal que orienta nossas contribuições para o campo de reflexão acerca das trocas culturais entre os dois países é que a publicação de periódicos em francês

<sup>1</sup> O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla sobre os periódicos publicados em francês no Rio de Janeiro e em São Paulo nos séculos XIX e XX. Trata-se de um levantamento sistemático e da análise de jornais, revistas e almanaques publicados em francês no Brasil. Além dos periódicos ainda disponíveis para consulta nos principais acervos de ambas as cidades, foram compulsadas todas as menções a títulos extraviados encontradas em catálogos antigos, memórias, jornais, anúncios e outras fontes. Os resultados têm sido divulgados em vários artigos, alguns deles citados na bibliografia. Agradeço o apoio da FAPESP e da Capes que têm financiado parte do trabalho.

<sup>2</sup> A problemática sobre a diminuta imigração francesa em contraste com a importância de sua cultura no Brasil foi abordada em outro trabalho. Ver: Guimarães 2017.

teve um papel fundamental nas discussões acerca da identidade nacional e da constituição de um campo intelectual brasileiro, inclusive no que diz respeito à formação da imprensa periódica local.

As imbricações resultantes das relações estabelecidas entre as duas culturas por meio dos mediadores culturais envolvidos com essa produção periodística francófona exerceram, muitas vezes, tanto a função de legitimação da elite cultural nacional, como propiciaram a sobrevivência de veículos publicados em língua francesa no peculiar contexto de um país de leitorado restrito.

Parte-se do pressuposto de que os periódicos alófonos fizeram parte da produção nacional (Cooper-Richet, 2011) e que ajudaram na constituição de um espaço cultural francófono (Pinson 2016). Eles expõem a ambiguidade do entrelugar em que essa produção se situa, o que torna as fronteiras nacionais e noções como “imprensa imigrante” insuficientes para a análise do fenômeno (Guimarães, 2017).

Nessa perspectiva, a tentativa foi de situar a RFB<sup>3</sup> a partir de uma análise sincrônica e diacrônica, destacar algumas de suas principais características e fases e traçar hipóteses a fim de compreender seu papel e de seus editores e colaboradores na história literária e da imprensa brasileira daquele período.

### **Mais uma revista republicana**

A *Revue Franco-Brésilienne* foi publicada no Rio de Janeiro em francês e em português, com versões bilíngues de alguns textos. Pelo que se sabe, saíram oito números, sendo o primeiro em 14 de julho de 1898 e o último, em 15 de novembro do mesmo ano. De acordo com o cabeçalho do número 1, era um hebdomadário que saía aos sábados, embora o número de estreia tenha sido publicado em uma quinta-feira, provavelmente para coincidir com a efeméride do 14 de julho, data da *Fête Nationale* francesa. A data também era oficialmente feriado nacional brasileiro entre 1890 e 1930, identificado como dia da República, da Liberdade e da Independência dos povos americanos<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Será adotado o acrônimo RFB daqui em diante para se referir ao objeto do texto, a *Revue Franco-Brésilienne*.

<sup>4</sup> A importância do dia 14 de julho foi tão grande no Brasil que os republicanos o decretaram feriado nacional ainda durante o Governo Provisório em janeiro de 1890, dois meses após a Proclamação da República. O Decreto 155-B (14/01/1890) afirmava que "o regime republicano baseia-se no profundo sentimento de fraternidade universal" e "que esse sentimento não se pode desenvolver convenientemente sem um sistema de festas públicas destinadas a comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas". Decreto nº 155-B, de 14 de Janeiro de 1890. (no mesmo decreto que instituía o 3 de maio como dia do descobrimento do Brasil) e só foi suspenso em 1930, com Getúlio Vargas com o Decreto nº 19.488, de 15 de Dezembro de 1930..

O primeiro exemplar vem acompanhado do *Supplement dédié à la colonie française à l'occasion de la Fête Nationale* (Figura 1) que leva a crer que a RFB encarnava o espírito republicano, ainda mais que nascera poucos anos após a Proclamação da República do Brasil e no fim do primeiro governo civil, de Prudente de Moraes, representante da oligarquia cafeeira. A despeito das crises enfrentadas (incluindo a Questão do Amapá, em que franceses não reconheciam a fronteira com o Oiapoque e invadiram o Brasil, e a trágica Guerra de Canudos), o presidente gozava de popularidade no último ano de seu mandato, justamente o ano de 1898. A RFB fazia valer essa atmosfera de exaltação republicana – francesa e brasileira – nos textos e imagens, símbolos e homenagens.



**Figura 1.** Suplemento comemorativo lançado por ocasião das comemorações da *Fête Nationale* francesa, comemorada dia 14 de julho, mesma data de lançamento da *Revue Française du Brésil*. (RFB, 14/07/1898)

Não era produção isolada. Uma publicação nesse estilo só teve sua existência possível porque encontrou um ambiente local propício para surgir. Editada por franceses teve, outrossim, colaboração regular e acolhimento imediato de brasileiros cultos, alguns deles proeminentes homens de letras como Rui Barbosa. Desse modo, ela também foi fruto de uma geração engajada em mudar os destinos do país desde os tempos do Império, mobilizada pela campanha abolicionista e participante da oposição republicana. Esses boêmios por opção, como Olavo Bilac, Coelho Neto e Luís Murat, entre outros nomes ligados à revista, em sua maioria provenientes de famílias bem colocadas e saídos dos bancos das faculdades de engenharia, medicina e direito, dedicavam-se à causa política com a pena e o papel em punho. Os mais importantes jornais da época, surgidos em decorrência do incremento tecnológico e do crescimento urbano ainda durante o Segundo Reinado, logo os acolheram.

Além do já tradicional *Jornal do Commercio* (1827), os diários *Gazeta de Notícias* (1875) “com Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro, Elísio Mendes e Henrique Chaves, jornalistas e não homens de letras” (Sodré, 1999, p.225), *Gazeta da Tarde* (1880), *Diário de Notícias* (1885), *Cidade do Rio* (1888) e *O Paiz* (1884) eram exemplos da profissionalização da imprensa e demonstravam estar sintonizados com as demandas de seu público ao abrirem espaço para o debate republicano. “As ideias republicanas conquistaram a imprensa”, afirma Werneck Sodré em seu clássico sobre história da imprensa no Brasil (1999, p.228), incluindo em sua lista periódicos de São Paulo como *O Correio Paulistano* fundado pelo Partido Republicano Paulista em 1872 e dirigido após 1882 por um de seus próceres mais destacados, Antonio Prado. Muitos outros títulos dedicados à mesma causa poderiam ser citados, sejam aqueles publicados nesta província que se tornaria, ao lado do Rio de Janeiro, um dos polos do principal eixo editorial do país formado pelas duas maiores capitais da futura República, seja nas demais cidades espalhadas pelo continental Império brasileiro.

O periodismo em revista também foi pródigo, embora melhor caracterizado como uma pequena imprensa, de menores tiragens e via de regra efêmera com exceções tais como a mais proeminente e longeva publicação literária *Revista Brasileira* (1855-1881, com intervalos), sucessora da romântica *Guanabara* (1849-1855) ou a muito mais popular *Revista Illustrada* (1876-1898) de Angelo Agostini, abolicionista e republicana, como mandava o figurino. Seria impossível listar os inúmeros títulos que surgiam como cogumelos depois da chuva por ação dos mais variados grupos que se formavam em torno das mais diversas causas, não raro eivados pelo clima de radicalismo político. Destacam-se aqui as publicações de agremiações acadêmicas *O Meio* (1889) de Coelho Neto, Pardal Mallet e Paula Ney e *A Vida Moderna* (1886) de Artur Azevedo e Luís Murat, com colaboração de Olavo Bilac, *A Rua*

(1889) de Olavo Bilac, Pardal Mallet, Luís Murat e Raul Pompeia (Sodré, 1999, p.245, 293; Simões Junior, 2014, p.16) entre outras da pródiga pequena imprensa do período e que reuniam o mesmo grupo que vai colaborar com os franceses da RFB.

O *Supplement* do número inaugural da RFB, portanto, estava totalmente inserido nessa lógica de um rescaldo do republicanismo que esse grupo tão bem expressava. Dedicado à colônia francesa, sua capa ostenta uma bela alegoria encimada por um galhardete em que se leem as datas de 1789 e 1898, alusão à data oficial das comemorações da Revolução Francesa (Figura 1). A efígie de Marianne representando os valores republicanos franceses segura um brasão com as iniciais da *Revue*, RFB. A flâmula, no lado direito, envolve a imagem da Baía de Guanabara, desce a página à esquerda, adornada por querubins (elementos celestes que remetem à positividade) que conduzem à terra um escudo estampado com a data de 14 de julho. No solo, um homem segura um grande livro aberto e uma pluma com a mão direita, rodeado de elementos que aludem às belas artes, com destaque para a música erudita (simbolizada pelos instrumentos) e para a literatura. Ao centro-direita, o programa do concerto inclui a Marselhesa, hino nacional francês composto por Rouget de l'Isle, e o hino nacional brasileiro, executado pelos músicos do Arsenal de Guerra e do Primeiro Regimento da Cavalaria, ambas instituições oficiais do Estado republicano brasileiro.

O grande evento promovido pela RFB era também um jogo de marketing para o lançamento do primeiro número da publicação. Autoridades francesas e brasileiras foram reunidas, entre eles o embaixador M.M. Couty e o cônsul George Ritt, o qual fez o “batismo” da revista na presença do editor (*rédacteur en chef*) Alfred de Carmand, tudo isso nas instalações da redação, à rua do Rosário, no então centro nobre do Rio. Na seção *Notre Baptême* (Nosso Batismo) vem registrado o convite de Carmand “aos órgãos da imprensa brasileira” e a “diversas personalidades importantes da imprensa local, assim como a vários membros influentes da Colônia Francesa”<sup>5</sup> (RFB, 14/07/1898).

O almoço que se seguiu não contou com a presença do cônsul, deixando-se representar pelo secretário, mas teve a presença de vários brasileiros ligados à imprensa como Fonseca Hermes (*O Debate*), Macedo de Camargo (*Jornal do Brasil*), Silveira Lobo (*O Paiz*), João Pino (*Gazeta Commercial e Financeira*), Julio Pimentel (*Gazeta de Notícias*) e Raul Cintra (*A Tribuna*). E ainda compareceram, segundo o registro, diversas personalidades e membros das colônias francesas, belga, espanhola, russa e suíça. Em seu discurso, Carmand

5 « aux organes de la presse brésilienne » ; « diverses personnalités marquantes de la presse locale, ainsi que plusieurs membres influents de la Colonie Française ».

relatava que mal tinha tido tempo de conhecer os colegas brasileiros ali presentes. Se fosse o contrário sua tarefa seria mais fácil, mas, afirmava, mesmo assim sentia-se acolhido. Finaliza saudando a “jovem República brasileira cujo sol brilhante nos ilumina hoje, às vésperas deste 14 de julho...”<sup>6</sup>.

Fonseca Hermes se encarrega do discurso (em português) representando a imprensa brasileira. Aproveita uma frase do discurso de Carmand para dizer que este

... não deve sentir *saudades* que os estrangeiros sentem longe da terra natal, pois fundando esse novo jornal, órgão de uma imprensa que não tem pátria determinada, todas lhes pertecendo neste vasto mundo das ideias, ele ingressa como um irmão, um anfitrião mesmo, como ele disse de forma hospitaleira, na imprensa brasileira, onde se acolhe, de braços abertos, todos aqueles que vêm trabalhar para o bem-estar e a prosperidade do Brasil<sup>7</sup>.

A cerimônia se encerra aos brados de “Liberté! Égalité! Fraternité!”, mas sem a presença de importantes nomes franceses como o já citado cônsul George Ritt, o diretor do Banco Francês M. Petit, um dos maiores anunciantes da revista (a contar pelo grande anúncio já na segunda página), ou do editor do jornal concorrente *L'Étoile du Sud*, M. Morel, o que denota, supõe-se, a pouca importância e expressão do proprietário e redator-chefe da RFB na comunidade francesa local, Alfred de Carmand, que reconhecia, aliás, a modéstia de sua iniciativa de acordo com o secretário de redação, que assina o texto, provavelmente Duncan Wagner.

Alfred de Carmand havia chegado recentemente da região do rio do Prata, onde colaborava com o importante diário franco-argentino *Le Courrier de la Plata* (1865-1946), de acordo com depoimento do brasileiro de origem francesa Gastão Bousquet, editor da *Gazeta da Tarde*. Em 31 de maio de 1898 ele anuncia em seu jornal que Carmand havia lhe feito uma visita:

Deu-nos o prazer de sua visita pessoal o nosso colega de imprensa Alfred de Carmand, ex-redator do *Courrier de la Plata*, que acaba de fixar residência no Rio de Janeiro e aqui vai publicar *L'Impartial*, diário francês dedicado aos interesses de sua pátria e do Brasil.

<sup>6</sup> « Salut à la jeune République Brésilienne dont le brillant soleil nous éclaire aujourd'hui, à la veille de ce 14 juillet... »

<sup>7</sup> «... qu'il ne doit pas éprouver les *saudades* que l'étranger ressent loin de la terre natale, car en fondant ce nouveau journal, organe d'une presse qui n'a pas de patrie déterminée, toutes lui appartenant dans le vaste monde des idées, il entre en frère, en maître de maison même, comme il le dit hospitalièrement, dans la presse brésilienne, où l'on accueille, à cœurs et bras ouverts, tous ceux qui viennent travailler au bien-être et à la prospérité du Brésil.»

*L'Impartial*, que aparecerá brevemente, será uma folha moderna, do formato do *Figaro*, dispondo de numerosos colaboradores e bem organizado serviço de telegráfico.

Agradecendo a gentileza da visita do Sr. Alfred de Carmand, desejamos desde já todas as prosperidades ao novo jornal.

(GT, 31/05/1898)

Tido por Gastão Busquet como “um belo tipo de jornalista moderno e de cavalheiro fidalgo” (GT, 23/07/1898), Carmand arregimenta simpatia e, apesar de anunciar aos quatro ventos sua ambiciosa intenção de lançar um periódico grande, diário, para tratar “de assuntos políticos, literários e comerciais” e dos “interesses financeiros, políticos e comerciais” do Brasil (AN, 31/05/1898), acabou restringindo sua atividade à bem mais modesta RFB. Houve um jornal com nome de *L'Impartial – journal français, littéraire, industriel et commercial sciences, agriculture, modes, revue des théâtres, annonces et avis paraissant tous les huit jours* no Rio de Janeiro, editado por Victor Estibal. Mas tinha sido publicado mais de 30 anos antes, em 1866. Não há qualquer pista de que esse empreendimento tenha saído do papel. A despeito da propaganda feita e, provavelmente, dos contatos angariados com a *petite* RFB, Carmand não obteve êxito com seus planos originais.

Entre as ausências registradas estava a de Lopes Trovão, médico, jornalista e então Senador da República, signatário do Manifesto Republicano de 1870, que envia carta saudando os valores republicanos e democráticos conquistados pela França “a jorros de sangue”. Também desculpava-se por não enviar contribuição o poeta e tradutor Alberto Ramos, gaúcho de Pelotas (o segundo eixo editorial do Brasil, depois de Rio-São Paulo), que havia estudado na Suíça (o que lhe garantia passaporte na comunidade francófona fluminense) e que fazia parte do mesmo grupo de poetas parnasianos do qual Olavo Bilac era o sol em torno do qual todos giravam.

O ímpeto republicano logo arrefece com as frustrações decorrentes da ausência efetiva de mudanças sociais, em meio aos conflitos de toda espécie, uma crise especulativa sem precedentes em que a “cavação” era a regra, com o conseqüente abalo de valores até então arraigados, em uma população cada vez mais diversificada e composta de metade de forasteiros em 1890, com 28,7% de estrangeiros e 26% habitantes de outras regiões do Brasil (Carvalho, 1987, p.17). Ao discorrer sobre o discurso inaugural de Machado de Assis por ocasião da criação da Academia Brasileira de Letras (julho de 1897), instituição da qual participariam vários dos brasileiros do grupo da RFB, Jeffrey D. Needell assinala o acomodamento dos arroubos revolucionários dessa geração:

Os heroicos acordes iniciais do romantismo e do parnasianismo, portanto, mesmo que em tom menor, continuavam ecoando. Ali estava a velha paixão romântica por uma tradição literária nacional e por uma grande obra que expressa a alma nacional (...) O que falta é o comprometimento com a sociedade em geral que havia sido a marca da *geração de setenta*. (...) Na verdade, para suas obras patrióticas e apolíticas, os novos acadêmicos esperavam reconhecimento, respeito e... recursos. (...) O distanciamento em relação ao ativismo político e o desejo de reconhecimento oficial enquanto árbitros e produtores de cultura implicavam a aceitação de valores dominantes na sociedade, ou seja, dos valores de elite (Needell, 1993, pp.227-228).

A RFB de alguma forma ecoava essa atmosfera de cores nacionais-estrangeiras. Se, por um lado, o republicanismo de matriz francófila permaneceu nos números seguintes, de outro, o parnasianismo, com sua retórica pomposa, não engajada e com predomínio do culto da forma, passava a caracterizar cada vez mais a publicação. Característica da imprensa do período, dominado por editores e colaboradores saídos das fileiras parnasianas (Dimas 1983), a RFB não constituía exceção, como se verá a seguir.

### Uma nova estrela do sul

Não se sabe ao certo quando a RFB deixou de ser publicada. É provável que não tenha conseguido sobreviver por vários motivos, entre eles o fato de já haver uma forte concorrente, a *Étoile du Sud* (1885-1924) que começou a ser publicada em 1882 com o nome de *Revue Commerciale Financière et Maritime de la Place et du Port de Rio de Janeiro* sob a direção de Henri e Charles Morel, com quem o editor da segunda fase, Duncan Wagner, terá uma diatribe o que, talvez, tenha contribuído para o encerramento da publicação. O suplemento do primeiro número examinado acima registrou a ausência de Morel no batismo da revista, por exemplo, o que poderia ser um sinal da má recepção da concorrência de uma nova publicação francófona, uma “nova estrela do sul”, em um mercado de leitores e anunciantes já muito restrito.

Além disso, era comum que revistas de propostas semelhantes não conseguissem se manter por muito tempo. A efemeridade das publicações periódicas, sobretudo pertencentes a grêmios literários, é bem conhecida da historiografia e da crítica e pode ser ilustrada por alguns dos exemplos citados acima. Tais fatores, somados ao fato da RFB ser publicada em idioma estrangeiro, talvez tenham corroborado para sua precoce extinção.

A despeito do contexto adverso, e de ter se tornado quinzenal a partir do quarto número (saindo às quintas e sábados, de acordo com a informação do cabeçalho), apenas dois meses depois sucumbe, em novembro deste ano, no seu oitavo número, em dia também comemorativo da República, nesse caso, da brasileira – 15 de novembro. As cinco edições

disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira tinham entre 33 e 40 páginas, numeração contínua como era praxe em várias revistas literárias e eruditas, textos dispostos em duas colunas, tamanho tabloide e traziam na capa os respectivos sumários. O suplemento tinha quatro páginas.



Figuras 2 e 3. Capas dos números 1 e 8 da *Revue Franco Brésilienne*, respectivamente o primeiro e último exemplares disponíveis no acervo. Estão conservados na Biblioteca Nacional brasileira 5 edições e o suplemento: a edição de número 1 e o suplemento comemorativo do dia 14 de Julho (14 de julho, quinta-feira); a número 3 (30 de julho, sábado); a número 4 (15 de setembro, segunda-feira); a número 6 (27 de outubro, quinta-feira) e a número 8 (15 de novembro, sábado).

Seu escritório era situado na rua do Rosário, 15, região central do Rio, próxima à rua do Ouvidor. Embora não tão glamorosa quanto esta, a rua do Rosário concentrava também grande número de estabelecimentos do gênero, sendo ponto de redações de outros jornais franco-brasileiros tradicionais como *Courrier du Brésil* (1854-1862) ou *L'Écho du Brésil et de L'Amérique du Sud* (1859-1860) e mesmo local onde se instalará a sede da futura *Revue Franco-Brésilienne* de Émile Lambert, publicada por longos treze anos, entre 1909 e 1922 que, embora levasse o mesmo nome, não é a mesma revista.

Toda a região no entorno era local propício ao encontro de grupos de intelectuais em confeitarias, cafés, livrarias (algumas delas sede dos jornais franceses), teatros, salões, clubes – como o prestigioso Derby Club – e vários outros espaços de sociabilidade que transpiravam a modernidade mais desejada que vivida, como atestam as dificuldades na implantação das reformas urbanas que irão ocorrer de forma mais efetiva apenas no novo século.

Por sua vez, a formação da opinião pública passava pela pena dos homens de letras que encontraram nos periódicos, muito mais que nos livros, seu meio de expressão. A importância dos encontros nos estabelecimentos chiques da Rua do Ouvidor para a difusão da cultura francófona e francófila é registrada em boa parte da produção do e sobre o período de transição para a Belle Époque tropical, ditada pelas preferências do leitor:

O gosto do leitor já foi mencionado. Era francófilo, volúvel conforme a moda e fetichista (...). É bom ter em mente o quanto a educação da elite era literária e francesa. Além disso (...) o peso cumulativo da tradição francófila no Rio só aumentou no decorrer do século. Em 1900, a elite já incorporara ao cotidiano o uso do francês e a familiaridade com a cultura francesa (Needell, 1993, p.230).

Publicada justamente no período de transição, a RFB foi quase um ato inaugural para essa geração, cuja atuação tinha como epicentro a região onde se localizava a redação. A retomada da vida social dos salões e teatros estava em curso e se beneficiará da consolidação do poder das elites civis republicanas com a ascensão de Campos Sales, empossado na data da provável extinção da RFB, 15 de novembro de 1898. Não se trata de vincular mecanicamente fenômenos culturais a marcos políticos. Não deixa, pois, de ser sintomática tal coincidência de datas, ao situar a publicação no curso dessas transformações que tocarão diretamente a reconfiguração das sensibilidades na entrada para o novo século.

A RFB parece ter atuado em um cenário precursor, anunciadora de uma nova fase de “ressurgimento das forças tradicionais” (Needell, 1993, p.40) e arrefecimento dos ímpetus revolucionários. Ela se inseria no esforço de atualização dos intelectuais brasileiros com as tendências artísticas precursoras do modernismo, esforço esse que caracterizou o fim do século XIX e boa parte do século XX.

No que tange à temática, no contexto da produção franco-brasileira, também não inovava. Já havia publicações promovendo a união entre os dois países nos mesmos moldes nos dois lados do Atlântico, tanto no Brasil, como em Paris, como a *Revue du Brésil* (Paris, 1896-1898?), de Alexandre d’Atri, mais bem impressa. As publicações franco-brasileiras que a antecederam, além de atuarem como órgãos de representação das colônias e de seus

interesses, sempre exerceram esse papel de divulgação comercial e cultural do Brasil no exterior, cumprindo uma dupla função diplomática de “união dos povos”.

Assim foi com os jornais acima citados e uma lista de títulos como *Le Courrier du Brésil* (1828), *Revue Brésilienne* (1830), *Le Messager* (1831-1834), *L'Écho français* (1838-1839), *Le Nouvelliste* (1847-1848), *L'Écho Français* (1849), *Le Brésil* (1862-1863), *Le Nouvelliste de Rio de Janeiro* (1863-?), *L'Impartial* (1866), *La Gazette du Brésil* (1867-1868?), *L'Estafette du Brésil* (1867-1874?), *France et Brésil* (1874-1875), a tríade *Le Gil Blas* (1877-1878), seu sucessor *Le Messager du Brésil* (1878-84) e o almanaque *Revue de France et du Brésil* (1884), *Le Sud-Américain* (1885-1886) entre outros. Muitos destes periódicos citados acima, praticamente todos, possuíam rubricas de teatro e literatura, por vezes artes plásticas e música (ver tabela Guimarães, 2017, p.144).

Porém, havia títulos que tinham se arriscado mais especificamente na aventura literária, o que demonstra que a RFB pertencia a uma tradição bem sedimentada havia mais de meio século: *L'Argus* (1838), *L'Alcyon* (1841), *les Veillées Brésiliennes* (1857), *La France* (1885), que havia publicado o folhetim *Le Mulâtre - romain brésilien*, tradução do romance do brasileiro Aluísio de Azevedo, ou *Le Petit Journal* (1893), que traduziu para o francês em formato também de Folhetim *O Guarani* de José de Alencar. Outros títulos também podem ser considerados literários, embora transitassem pelo universo político na melhor tradição satírica, como *Le Figaro Chroniqueur* (1859) ou *Ba-ta-clan* (1867-1871) cujo editor, Charles Berry, depois passou a editar *Le Courrier de Rio de Janeiro* (1871).

Antecessores imediatos da RFB foram: *L'Avenir du Brésil* (1885) editado por A. F. Reynaud, que depois publicará *Le Brésil Republicain* (1890-1897) e onde a campanha republicana era explícita, como ocorreu na RFB; e *L'Écho du Brésil* (1893-1895) que reunia alguns dos nomes que foram constantes na imprensa franco-brasileira, como George Lardy, ou, do lado brasileiro, Ferreira Araújo, o editor da *Gazeta de Notícias*. E, finalmente, como contemporânea à RFB, tem-se a revista comercial *L'Étoile du Sud* (1885-1924) já citada.

No que tange às técnicas empregadas, a RFB era também uma produção de seu tempo, com farto emprego de litogravuras. Eram suas contemporâneas muitas revistas ilustradas publicadas no Brasil (inclusive em fatura superior):

De 1865 a 1895, circularam no Rio de Janeiro mais de sessenta revistas ilustradas. Henrique Fleiuss implantou um modelo na publicação da *Semana Ilustrada*, que foi publicada entre 1860 e 1876. Depois, surgiram diversos títulos importantes, como *A Vida Fluminense* (1868-1875), *O Mosquito* (1869-1877), *O Mequetrefe* (1875-1893) e

a *Revista Ilustrada* (1876-1898), apenas para citar os que tiveram vida mais duradoura (Fonseca, 2016, p.32).

Não é possível compará-la com o que se produzia na Europa, caso da *Revue du Brésil* e todo arsenal de periódicos importados que inundava o país, sobretudo francês – comércio altamente favorecido pelas taxas aduaneiras vantajosas para a França em decorrência de acordos comerciais firmados entre os dois países (Guimarães, 2019). Ou mesmo com alguns casos brasileiros, como *O Brasil Ilustrado*, *O Museu Universal: o jornal das famílias*, a *Lanterna Mágica*, todas publicações de meados do século XIX (Cardoso, 2011, p.22; Fonseca, 2016, pp.32-38). Uma pequena revista francesa foi precursora na técnica do talho doce antes mesmo de ser técnica empregada no Brasil, *L'Écho Français – bulletin politique, littéraire, des sciences et des arts* (1838), por exemplo, mas a RFB não inovava nesse sentido, adotando a técnica mais comum à época, a litografia, e lançando mão da inserção de um número crescente de imagens e alegorias.

Esse é um ponto importante a se considerar uma vez que a linguagem visual se expandia no mesmo ritmo do emprego das novas técnicas de ilustração e fotografia em plenos tempos eufóricos, época em que revistas literárias e ilustradas eram veículos privilegiados de difusão da literatura que se fazia, legitimando novos grupos e escolas artísticas muito mais que o livro (Dimas, 1983).

A RFB fazia parte, assim, de um amplo espaço cultural francófono em que os campos intelectuais francês e brasileiro (e mesmo latino-americano) se interseccionam. Tal perspectiva coloca em relevo na análise não só o local da partida, mas igualmente o da acolhida do produto cultural, em que se destacam os papéis exercidos pelos vetores das transferências culturais, os *passseurs culturels* (Espagne, 2012). É na perspectiva de uma história global (Maurel, 2014, pp.130-134), portanto, que se pretende compreender como a RFB foi palco da reunião e amálgama de referências culturais transnacionais – contra as abordagens que poderiam classificá-la como mero objeto de imposição cultural de referências francesas ou resultado do colonialismo das ideias.

A nova “estrela do sul” era fruto do mundo intelectual carioca, por sua vez, muito cosmopolita e, sobretudo, francófilo. Da mesma forma que em suas antecessoras ou sua concorrente direta, *L'Étoile du Sud*, as questões e disputas comerciais, políticas e diplomáticas relativas aos interesses franceses estavam em suas páginas, assim como como o discurso recorrente da união entre brasileiros e franceses e da “natural” latinidade do Brasil. No entanto, era principalmente ao mundo artístico (literário e teatral) e ao

mundanismo da alta elite carioca que esta revista dava largo espaço, elite esta à qual o grupo de franceses envolvidos na redação da RFB tinha amplo acesso.

### Fases de aventura parnasiana

É possível dividir a história da RFB em duas fases distribuídas em seus parcos 8 números, publicados no espaço de 5 meses. A primeira vai do número 1 ao 3 (julho de 1898), sob a direção de Alfred de Carmand, sediada na Rua do Rosário e impressa na tipografia Casa Mont'Alverne, situada na Rua do Ouvidor, com o título *Revue Franco-Brésilienne – paraissant tous les Samedis* (Figura 4).

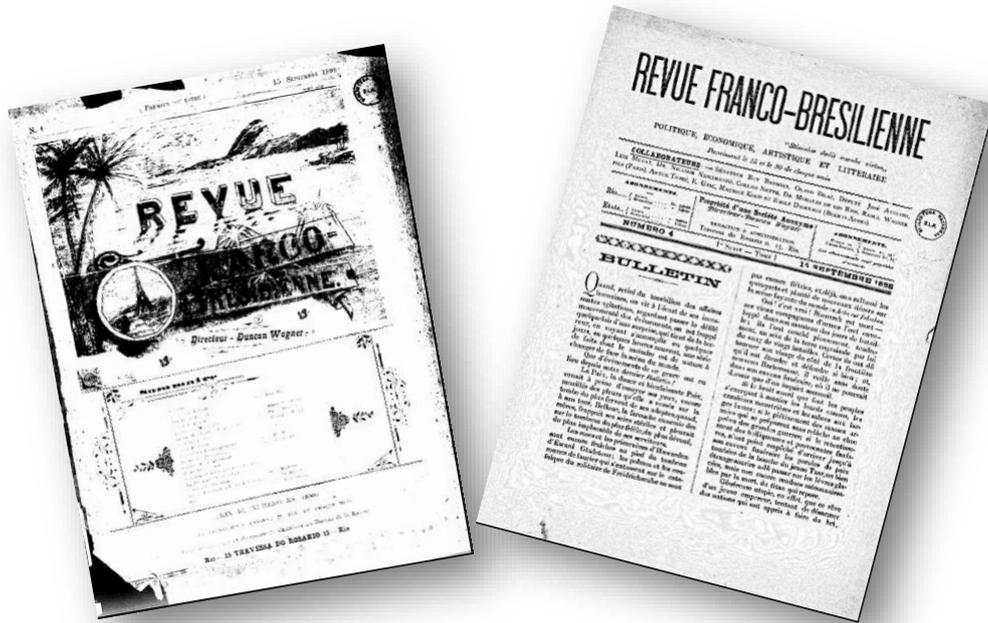


**Figura 4.** Capa da *Revue Franco-Brésilienne* n. 3. Editada por Alfred de Carmand, contava com a colaboração de nomes como Duncan Wagner, que também assinava como Henri de Bonnemain. E de Olavo Bilac, usando o pseudônimo de Mephisto. (RFB, 30/07/1898).

E a segunda fase, que vai do número 4 ao 8 (setembro a novembro de 1898), sob a direção exclusiva do então colaborador Duncan Wagner, com a redação situada ainda no mesmo endereço, mas agora impressa na tipografia de Luiz Miotto, na rua do Hospício (Figuras 5 e 6). É nessa fase que ela apresenta cada vez mais imagens, inclusive na capa, e espaço para a crônica, seja literária, seja a que flertava com o crescente mundanismo, de um lado, e com o sensacionalismo, de outro, como *faits divers*, justificando o novo subtítulo: *politique, économique, artistique et littéraire*.

Ostenta no cabeçalho um time de colaboradores brasileiros de peso como o então senador Rui Barbosa, os homens de letras Olavo Bilac, Coelho Netto e Luiz Murat, entre nomes franceses e outros estrangeiros, tanto aqueles radicados no Brasil, como

correspondentes que enviaram textos do estrangeiro, dando ao veículo feições de uma inserção efetivamente transnacional. Sem apresentar a sofisticação de suas sucedâneas, antecipa rubricas e pautas que mais tarde se tornariam regra no nosso jornalismo.



**Figuras 5 e 6.** Capa e primeira página da *Revue Franco-Brésilienne* n. 4. Impressa em uma nova tipografia, de Luíz Miotto, estampa gravura na qual se vê em primeiro plano a Torre Eiffel em meio aos prédios típicos da Paris haussmaniana, simbolizando a França urbana, sobreposta ao morro do Pão de Açúcar, à praia e às palmeiras, que representam o Rio de Janeiro exótico e tropical. No sumário e no cabeçalho, colaboradores renomados no meio intelectual e político brasileiro.

A imagem da capa evoca representações que são sintoma da tentativa de criar pontes imaginárias entre Rio e Paris, a civilização e a natureza exótica, e que acabam por não resistir por muito por muito tempo, como se percebe na leitura mais atenta do periódico. Elas apareciam de maneira constante por toda a revista, em prosa e muito verso (e pompa parnasiana...), ilustrações e fotografias de paisagens, vistas exuberantes descritas com aliterações e sinestésias que revelavam, todavia, um esforço de atualização que acabava sendo inócuo frente às condições concretas daquela sociedade.

Enquanto o parnasianismo na França vigorou nos anos de 1860, somente nos anos 80 o Brasil recebe seus eflúvios. Não se pode considerar esse descompasso como mero sintoma de atraso. O arraigado romantismo e a forte ligação de seus representantes com os quadros



mais prestigiados do Segundo Império, inclusive sob os auspícios do Imperador D. Pedro II, favoreceram a resistência às inovações. Tão logo se aclimatou nos meios intelectuais locais, o parnasianismo encontra azo para se sobressair às demais correntes artísticas provenientes do outro lado do Atlântico, a exemplo do simbolismo, e predomina até o modernismo em decorrência das limitações de um leitorado pouco refinado (Needell, 1993, p.234).

A seção *Rio-Causerie* é exemplar nesse sentido. O cronista é forçado a reconhecer o descompasso entre a metrópole da Belle Époque e sua caricatura tropical. De um lado, a dificuldade em conseguir chamar a atenção do leitor em meio às rápidas mudanças neste pulsante fim de século, tão bem representados na imprensa parisiense:

Que são, com efeito, os *Courriers de Paris*, as *Causeries* [Conversa fiada], as *Chroniques de la Semaine*, os *Feuilletons* de todo gênero senão cartas de um amigo, o autor, a um amigo desconhecido, o público (...)? Tarefa difícil, aquela do cronista no século do vapor e da eletricidade; do ceticismo e da indiferença, quando de tanto se interessar por tudo, o homem acaba por não se interessar por nada (RFB, 14/07/1898).<sup>8</sup>

A outra dificuldade, mais prosaica, era ter que adequar esse discurso ao ritmo de desenvolvimento do Rio de Janeiro que, embora fosse cidade jovem, bela e cosmopolita, onde já “se tinha feito muito em pouco tempo”, segundo ele, muito ainda estava por ser feito. Assinando *Pangloss*<sup>9</sup> – o otimista professor de *Candido* de Voltaire – o autor de *Rio-Causerie* ironicamente se mostrava desiludido e pessimista pela situação precária em que se encontra a cidade: “Rio est triste”, dizia. O comércio, segundo ele, não funcionava mais devido à severa crise econômica e “...um marasmo que se reflete sobre todo o resto; o teatro definha, a vida social é reduzida a zero, o esporte agoniza, nas ruas falta animação...” (RFB, 14/07/1898)<sup>10</sup>. O cronista se refere aqui à crise que atingiu esse período de transição e reduzira a vida social que, enfim, começava, aos poucos, a reflorescer:

Os conflitos e a repressão de 1889-1897 dispersaram a boêmia clássica da década de 1880, com os ataques aos jornais e o exílio de dissidentes, e também dividiram e exacerbaram os ânimos do mundo literário, separando monarquistas de

<sup>8</sup> « Que sont, en effet, les *Courriers de Paris*, les *Causeries*, les *Chroniques de la Semaine*, les *Feuilletons* de tout genre, sinon des lettres d'un ami : l'auteur, à un ami inconnu : le public ; ami quelquefois capricieux, quelquefois fidèle, toujours exigeant et frondeur ? Tâche difficile, que celle du chroniqueur en ce siècle de la vapeur et de l'électricité ; du scepticisme, et de l'indifférence, quand à force de s'intéresser à tout, l'homme finit par ne s'intéresser à rien. »

<sup>9</sup> Será Alcindo Guanabara?

<sup>10</sup> « De là un marasme qui se reflète sur tout le reste ; le théâtre déperit, la vie sociale est réduite à zéro, le sport agonise, les manquent d'animation... »

republicanos e florianistas do resto. Alguns literatos desfrutaram de empregos ocasionais ou fixos nos governos que se sucederam. Outros perderam suas posições para sempre, ou se mantiveram distantes, fiéis à antiga dinastia, ou desgostosos com a realidade da República. Para todos, no entanto, o período foi um divisor de águas. A maioria conformou-se com seu afastamento dos esforços pela regeneração nacional e procurou, alternativamente, garantir um modo de vida seguro (isto é, burguês), enquanto mantinha suas identidades de criadores de uma cultura nacional (Needell, 1993, p.224).

Como de praxe, o primeiro número da revista abre com o editorial onde se anunciam os objetivos. O *Notre Programme* (Nosso Programa) foi provavelmente escrito pelo então diretor e redator-chefe Alfred de Carmand. Começa em tom jocoso, com referências ao mundo do teatro e da ópera, em um deslizamento de gêneros comum à tradição de jornais satíricos francófonos, inclusive publicados no Rio, como *Figaro-Chroniqueur* e *Ba-ta-clan*. O próprio autor identifica o editorial a um prólogo de uma peça e ironiza que, em geral, os prólogos anunciam muito mais do que efetivamente farão:

Este mundo sublunar seria, sem dúvida alguma, um verdadeiro paraíso terrestre se vissemos realizar só a metade da centésima parte das belas coisas que prometem os programas de todo gênero que se espalham pelos cabeçalhos das folhas cotidianas, hebdomadárias, mensais, anuais, sem contar aquelas que como o ‘Gil Blas’, de alegre memória, aparecesse a qualquer hora (RFB, 14/07/1898).<sup>11</sup>

Seu objetivo, diz o editor, era cumprir a intenção dada pelo título e promover a consolidação de laços entre as duas nações. A referência ao satírico *Le Gil Blas*, publicado no Rio entre 1877 e 1878 e que precedeu o *Messenger du Brésil* (1878-1884), ambos editados por Émile Deleau sob o pseudônimo de Fantasio, não é gratuita (Guimarães, 2017, pp.119-120). Foi publicado no Rio de Janeiro quase 20 anos antes, mas parece ter permanecido na memória de franceses e brasileiros que ainda estavam vivos e atuantes, além das novas gerações que o tinham como referência de satírico.

Fantasio era pseudônimo recorrente e Gil Blas personagem literário clássico e conhecido. Mas aqui a citação ao antigo jornal da colônia francesa do Rio é expressa e deixa claro que é a esse jornal específico a que se referiam. Essa recorrência era, muito provavelmente, sintoma de que as relações entre esses grupos intelectuais ultrapassavam as gerações. Os jornais atuavam como mediadores não só entre francófonos, mas igualmente

<sup>11</sup> « Ce monde sublunaire serait, sans aucun doute, un véritable paradis terrestre si l'on voyait, se réaliser la moitié seulement de la centième partie des belles choses que promettent les programmes de tout genre qui s'étalent en tête des feuilles quotidiennes, hebdomadaires, bimensuelles, mensuelles, et annuelles, sans compter celles qui comme le « Gil Blas » de joyeuse mémoire, paraissent *quelquefois*. »

com brasileiros, sendo órgãos de representação da comunidade que projetavam alguns nomes na sociedade de acolhida, notadamente de seus editores. Alguns nomes da época do *Messenger du Brésil* ainda estavam presentes na imprensa brasileira da Belle Époque, o que deve ter contribuído para uma certa mitologia em torno dele.

E ainda havia outras publicações da mesma época, como *Revue de France et Brésil*, de 1884, publicação bilíngue mais parecida com um almanaque e que fez parte de uma ação promocional do *Messenger du Brésil*. Dela participaram brasileiros como Ferreira Araújo, Antônio da Silva Prado ao lado de veteranos como Alfredo Taunay que antes já participara do *Courrier du Brésil* (1854-1862), além de outros da mesma geração como Georges Lardy, Louis Couty, exemplos de nomes ainda ativos na imprensa quando da publicação da RFB.

Ferreira Araújo fazia igualmente parte do corpo de colaboradores da já citada *Revue du Brésil* de 1896, publicada em Paris. Este e Georges Lardy ainda iriam aparecer associados no *Écho du Brésil* publicado entre 1893 e 1895, pouco antes da RFB, editado por Grimalfo e Cateyson. Este último também será citado na RFB quando da sua publicação do *Indicador Brasileiro*, espécie de almanaque com dados comerciais e estatísticos sobre o Brasil. Mais uma vez a RFB demonstrava ser parte de uma tradição editorial bem sedimentada e que reunia, sob um mesmo espaço cultural francófono, franceses e brasileiros.

Entre os demais colaboradores estavam o deputado José Avelino, Nicanor Nascimento, A. Morales de los Rios, Raoul Wagner Fils (irmão de Duncan e correspondente em Paris), Artur Thiré, E. Uzac, Maurice Koch, Émile Daireux (correspondente em Buenos Aires), Sylvio Laerte, Pierre Darville entre outros. Há a significativa presença de brasileiros, como se tem enfatizado, e a colaboração não só de parisienses, mas também argentinos e de um espanhol.

Este era o caso de Adolfo Morales de los Rios (1858-1928), espanhol formado arquiteto na Belas Artes de Paris que, devido a problemas políticos na Espanha, acabou vindo para o Chile, quando passa pelo Rio. Tempos depois, retorna ao Rio, onde se fixou em 1890, sendo responsável por várias obras urbanísticas e arquitetônicas, entre elas a Escola Nacional de Belas Artes. Ele ilustra a RFB e assina a efígie da República que abre a edição de número oito (Figuras 2 e 3). Além de outras imagens de dentro da revista, como a que ilustra o poema “As gralhas” de Luís Murat.

Como se tem visto, o ponto de convergência desse grupo passava não só pela intenção de modernização artística e um esforço de união entre as duas nações, como pela afinidade com os ideais republicanos. Mas se havia sintonia, inclusive dada por algumas relações pessoais bem concretas, muitas vezes a colaboração para a revista parecia ser mais

de “fachada” que efetiva. Alguns desses nomes de fato publicaram na RFB, contudo não faziam colaboração sistemática, não tinham coluna fixa, enfim, eram nomes citados para dar prestígio à publicação. Mais ou menos como aconteceu desde o batismo quando nomes importantes foram convidados, foram citados e saudados, mas não compareceram à confraternização. Tem-se a nítida impressão que havia um esforço da RFB por essa inserção e reconhecimento social no meio do escol fluminense.

O conteúdo dessa segunda fase, como se disse, era predominantemente literário e de entretenimento, com algum conteúdo político e informativo, sobretudo no perfil de algumas autoridades republicanas cuja intenção comemorativa acabava resultando em questionável bajulação, provável estratégia de sobrevivência da publicação em contexto instável. O acento literário, por sua vez, abria espaço para rubricas cujas características eram esse diálogo aberto entre jornalismo e literatura, como a crônica (Thérenty & Vaillant, 2004).

Um exemplo são as seções de *faits divers* que cedo foram adotadas por alguns jornais brasileiros, desde o século XIX, muitas vezes dentro de rubricas como *Varietades*, ainda como espaço indefinido em que tudo cabia, de crônicas literárias a folhetins, de crimes a anedotas, passando por prodígios e casos banais do cotidiano. Já no século XX, a crescente agitação de cidades como Rio e São Paulo era traduzida por *faits divers* cada vez mais longos que ocupavam espaço crescente na superfície de algumas folhas. Durante a *Belle Époque tropical*, quando a imprensa conheceu um frêmito pelo espetáculo até então inédito no Brasil, os temas parisienses e o estilo permeado de galicismo tornaram-se ainda mais recorrentes nessas seções (Guimarães, 2014).

O jornalista, profissional em reconhecimento, transformava o acontecimento mais ordinário em um “caso” a ser compartilhado por toda a cidade, com suas vívidas descrições de cenas chocantes, em uma explosão de estímulos regada pelo imaginário francês. A fixação de rubricas como *Notícias Diversas*, *Factos Diversos*, *Última Hora*, entre outras, deu-se nas primeiras décadas do século XX, mas é possível notar no século XIX alguns de seus antecessores em periódicos brasileiros, como se verificou em outros trabalhos.

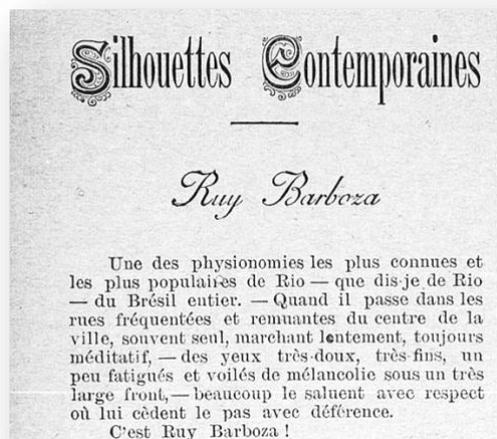
A RFB de algum modo antecipou em suas páginas esse estilo que dominaria a grande imprensa dos anos seguintes. Publicava seções com conteúdo noticioso local, com notas curtas de assuntos variados como *Nouvelles Diverses*, a já citada *Rio-Causerie*, o *Carnet de la Quinzaine*, *Sim ou Não* (publicada em português) e *Utile Dulci* (“útil ao agradável”) que traziam de *affaires* internacionais a escândalos locais, entre o tom noticioso, jocosos, ficcional e, claro, sensacionalista. Em um dos *faits divers*, por exemplo, *Incendies à Rio*, que denunciava incêndios criminosos no Rio provocados por comerciantes que os planejavam a fim de se

livrarem de dívidas e acionarem o seguro – expediente comum, segundo o narrador, sem que fossem nunca punidos – o autor usava o recurso do “ouvi dizer”, que traduz a tentativa de apreensão do ritmo do cotidiano, do informal e do prosaico, colocando-se como observador. Era a figura do repórter (“obedecer é nosso dever”) que surgia para se consolidar no panorama da imprensa moderna.

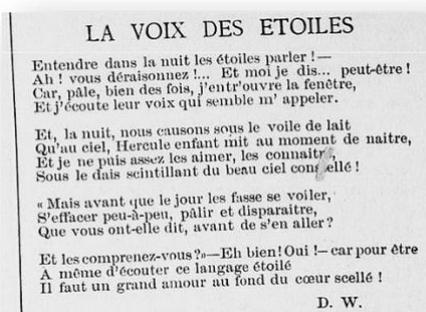
Na *Gazettes des Tribunaux* (Kalifa, 1995 & Rendu, 2014) vinham os casos de grande repercussão na França ou mesmo internacional, os famosos *affaires* franceses acompanhando em detalhes os diálogos e descrições minuciosas dos processos de julgamentos de criminosos (daí o nome de “tribunais”) como as brigas dos herdeiros de Victor Hugo, ou o julgamento do anarquista Étievant e, como não poderia deixar de ser, o *affaire* Dreyfus, que também teve grande repercussão na imprensa brasileira por ação de Rui Barbosa.

Na parte literária, a RFB trazia discriminadas as seções *Étude Littéraire* de Henri Bonnemain, pseudônimo de Duncan Wagner. Era um estudo crítico, que prometia sair de forma seriada como um folhetim, sobre a obra de Edmond Rostand *Cyrano de Bergerac*, publicada em Paris apenas um ano antes, em 1897. Enquanto o comentário crítico abria a revista, a peça vinha impressa ao fim do periódico, também no formato de folhetim.

Em destaque aparecia a seção *Silhouettes Contemporaines* (Figura 7) com o perfil e traduções de Bilac, Ruy Barbosa, Coelho Neto e outros. Sobre Bilac, Duncan Wagner dizia ser “Erudito, homem do mundo; boêmio nas horas vagas (...) uma das fisionomias mais simpáticas das letras brasileiras contemporâneas (...) o mais charmoso dos cronistas (...) pleno de verve e talento.”. E traduzia seu poema *Ouvir Estrelas* (Figura 8). Por fim, mas não menos importante, vinha a prestigiosa crônica teatral em que Bilac publicava sob o pseudônimo de Mephisto (Gimenez, 2018).



**Figura 7.** *Silhouettes Contemporaines* era uma seção onde eram homenageados nomes de vulto da intelectualidade brasileira da época, alguns deles colaboradores e/ou apoiadores da RFB. (RFB, 30/07/1898)



**Figura 8.** *La Voix des Étoiles* era a tradução do poema de Olavo Bilac, *Ouvir Estrelas*, feita por Duncan Wagner (RFB, 30/07/1898)

A mudança de fase se deu pela saída de Alfred de Carmand anunciada no número quatro:

Uma partida

Mr. De Carmand, cuja atividade é de incontestável talento, se encontrava estreitamente ligado ao quadro restrito de nossa revista, partiu para Paris. Ele pretende fundar ali uma sociedade acionária, que concretizará sua primeira ideia: a publicação no Rio de uma importante folha cotidiana destinada a apoiar os interesses franceses no Brasil.

Como se viu pouco antes, os planos de Carmand de fundação do anunciado jornal *L'Impartial* nunca foram concretizados, tampouco se tem notícia sobre esse empreendimento em Paris a que se refere a nota, nem a outro órgão no Brasil com que estivesse envolvido. A única notícia que se tem é que Carmand começou a contribuir para o panamenho *El Istmo de Panamá*, que anunciava em 27 de dezembro de 1898 que seria publicado também em francês com o nome *L'Istme de Panama*. Em 29 de dezembro de 1898, Carmand estreia sua coluna em que passaria a defender “l'Amérique Latine aux latines” (A América Latina para os Latinos). Não é possível saber se ele havia se mudado para o Panamá (ao invés de ir para Paris) ou se era um correspondente. Sua militância não foi suficientemente esclarecida ou sequer é possível afirmar que se tratava de campanha genuína e desinteressada, ou se suas intenções eram as de um aventureiro francês a percorrer a América Latina com outras intenções mais vulgares como a própria sobrevivência. A impressão é que Carmand tinha, desde o início, a ideia de lançar um empreendimento mais grandioso – e talvez mais lucrativo – mas não encontrou espaço no meio editorial brasileiro.

### **Da imprensa fluminense de volta para a imprensa rio-platense**

Se Carmand veio da região do Prata para fundar um jornal francês e acaba por se restringir à modesta RFB, Duncan Wagner fez o caminho inverso, tendo ido para a Argentina tempos depois da experiência com a RFB. Com a saída de Carmand, o número de anunciantes cai drasticamente e a revista mostrava sinais de agonia. Tudo muda com sua saída: a tipografia, a capa – que vem com imagem e com o nome do novo diretor, Duncan Wagner, que agora assinava sozinho – e a orientação editorial. No novo cabeçalho é possível ver acima de seu nome a informação: Propriedade de uma Sociedade Anônima (rever Figura 6).

Até o terceiro número, sob a sua direção, eram sete páginas de anúncios de estabelecimentos brasileiros e estrangeiros. A partir do quarto número, já sob Duncan Wagner, os anúncios passam a se resumir a uma página apenas. Ao mesmo tempo, cresce o espaço dado à iconografia, aos *faits divers*, a variedades e ao entretenimento (como *Mot Carrés* e *Enigmes*) – talvez uma forma de preencher espaços carentes de conteúdo<sup>12</sup> e de anúncios a fim de manter o habitual número de páginas. Mesmo assim, a revista não chegou mais às antigas 40 páginas. Como periódicos comerciais e editores de projeção vinham a público reclamar, frequentemente, da dívida de seus assinantes, é possível supor que modestos veículos literários como a RFB não tinham muitos *abonnés*, sendo sua renda

<sup>12</sup> Na imprensa anglo-saxã, os *faits divers* eram chamados de *space fillers*.

proveniente dos anúncios, o que torna mais grave para a saúde financeira a debandada verificada.

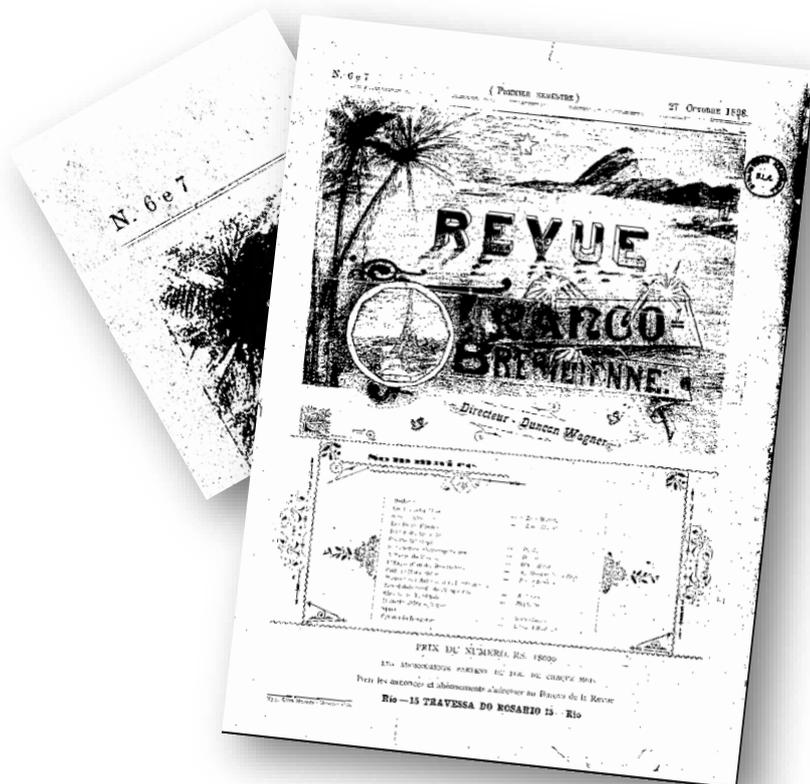
Como se viu, Alfred de Carmand, quando da estreia da revista, fez grande promoção de seu lançamento no “batismo”. O *Jornal do Commercio*, na seção *Várias Notícias* do dia 15 de julho de 1898, dia seguinte à aparição do primeiro número, registrava uma recepção dada por ele no escritório da redação a fim de apresentar a revista à imprensa brasileira, a mesma que a própria RFB registrou e da qual se tratou no início deste texto.

O senhor Carmand, redator principal do periódico hebdomadário *Revue Franco-Brésilienne*, cujo primeiro número foi ontem publicado, convidou a imprensa desta Capital para assistir à instalação do mesmo periódico. Reunidos anteontem no respectivo edifício os representantes de diversas folhas, a redação ofereceu aos presentes o primeiro número do novo periódico. Na festa foram trocados os mais amistosos e entusiásticos brindes. Ao periódico desejamos todas as felicidades. (JC, 15/07/1898).

Parece que a iniciativa surtiu efeito: devido ao sucesso do primeiro número, o preço do volume avulso caiu pela metade, de dois para mil réis, fiando-se, provavelmente, na farta cartela de anunciantes. Na segunda fase da revista, porém, sob Duncan Wagner, ocorre a drástica queda da receita. Ainda assim, o órgão consegue manter o preço, mas, provavelmente por isso, diminui a periodicidade para quinzenal, confirmando a crise.

A revista era bem distribuída com assinaturas disponíveis aos interessados no Rio (20 mil réis), no Brasil (22 mil réis), na América do Sul (25 mil réis) e na França, incluindo a União Postal (25 mil réis). Apesar disso, com o aparente dinamismo e modernidade e apontando para algumas tendências do periodismo brasileiro, seu amadorismo era flagrante, com uma diagramação variável, colaboração claudicante e com seções que não obedeciam a um critério fixo.

Na capa do número 6 vêm estampados os numerais “6 e 7” – talvez Duncan tenha tido a intenção de lançar dois números de uma vez. Mas na segunda capa vem claramente apenas o número 6. No acervo o exemplar também está classificado apenas como o sexto (Figura 9). Pode ser um sinal de instabilidade financeira da publicação, uma vez que não se encontrou no acervo o sétimo número, ou apenas um descuido de impressão que corrobora a impressão de uma publicação um tanto improvisada e amadora.



**Figura 9.** Capa da *Revue Franco-Brésilienne* números 6 e 7 vêm juntos, sinal de instabilidade financeira da publicação, uma vez que não se encontrou no acervo o sétimo número, ou apenas um descuido de impressão que corrobora a impressão de uma publicação um tanto improvisada e amadora. (RFB, 27/10/1898)

O papel de Duncan Wagner seria fundamental para a manutenção da publicação, mas não é isso o que se vê. Ele acaba muito provavelmente desistindo e fechando a redação. Não há muita informação sobre ele. Era filho de um alto diplomata francês e uma polaca. Não se sabe ainda o motivo de ter se fixado no Brasil, embora haja testemunhos de que não era um exilado. De acordo com a coluna na *Gazeta de Notícias* “Fagulhas”, de Coelho Neto (assinada aqui apenas por N.), Duncan havia se radicado no Brasil espontaneamente e figurava como tradutor reconhecido, pelo menos nesse grupo de parnasianos:

Esse nome é de um poeta, um poeta da *douce France* que vive conosco não em exílio, mas por vontade, amando, com estremecimento a nossa pátria viçosa. Duncan Wagner desfez a sua lira encordoada pela mesma musa que atinou a harpa elegíaca de Musset e construiu um barinel dourado no qual viaja para o ocidente a musa brasileira. Parece que acompanhamos o feerismo helênico da partida de Dyonisos

- 117 -

para a Índia – as cordas da lira fizeram-se cabos, os braços curvaram-se em quilha e, com Apolo ao leme, lá vai a nave sonora, mar em fora, conduzindo a Poesia maravilhada da nossa terra.

O ideal do poeta Duncan Wagner é tornar conhecida em França a literatura brasileira – o primeiro que ele passou no barinel foi Rui Barbosa, o colosso, depois o voluptuoso poeta da Via Láctea, esse oriental que parece escrever como Firdusi, entre espirais de fumo de resinas e bayadeiras nuas, Bilac, depois Murat, o nervoso e undante, o clangoroso e neptunino artista, por fim Arthur Azevedo, cujos versos fáceis e amenos correm, derivam como as águas nascidos de uma fonte farta. (GN, 13/10/1898)

O tom adulator do poeta brasileiro fica mais bem explicado quando se leva em conta que fazia parte do corpo de colaboradores da RFB e que ele próprio havia sido perfilado pelo francês um pouco antes na seção *Silhouettes Contemporaines*:

Coelho Neto é, na minha opinião, um dos autores contemporâneos da prosa brasileira, uma das mais genuínas encarnações da alma nacional – trinta e cinco anos – é um jovem! Sim, mas ele é também um mestre. Autor de quase quarenta volumes: prosa, crítica, romances, teatro, fantasias literárias, estudos históricos, é um homem laborioso e forte (RFB, 15/09/1898)<sup>13</sup>

E então faz a tradução de um pequeno trecho da obra do parnasiano para depois dar os dados biográficos. Assim, é mais fácil de compreender a defesa que Coelho Neto faz do colega e admirador na primeira página da *Gazeta de Notícias*:

Duncan não traduz, a bem dizer, transporta – dá apenas à poesia brasileira um passaporte para que entre no mundo. (...) É um poeta que conduz poetas.

O êxodo começou para a poesia brasileira que sonhava sempre com a divulgação. Duncan, porém, nem só da poesia cuida, ele escreve sobre a terra e sobre a nossa história e na sua *Revue Franco Brésilienne* a nossa pátria é tratada com os carinhos que lhe negara (sic) muitos dos seus ingratos filhos.

É dever nosso acoroçoar esse revelador que tanto faz por nós com o interesse de um intelectual. A sua propaganda já nos tem trazido benefícios e, para que ela continue, é necessário que os que amam esta pátria auxiliem o poeta afim (sic) de que ele possa realizar a sua obra de benemerência. Eu como brasileiro, beijo-lhe as mãos generosas. (GN, 13/10/1898)

<sup>13</sup> “Coelho Neto est à mon sens, parmi les prosateurs brésiliens contemporains, une de plus genuines incarnations de l’âme nationale – trente et cinq ans – c’est un jeune ! Oui, mais c’est aussi un maître. Auteur de près de quarante volumes : prose, critique, roman, théâtre, fantaisies littéraires, études historiques, c’est un laborieux et c’est un fort.”

O sonho de consagração dos literatos brasileiros na capital cultural do século XIX, Paris, foi um ideal perseguido desde os primórdios de uma literatura nacional – não esqueçamos que *Nitheroi, revista brasiliense*, ato inaugural do Romantismo brasileiro, foi publicada em Paris em 1836. O papel de mediador cultural que Duncan Wagner exercia ao traduzir os brasileiros ganhava ainda mais importância nesse panorama em que ser aceito em Paris era o objetivo máximo de qualquer literato brasileiro.

Há notícias esparsas sobre o envolvimento de Duncan em negócios no Brasil e seu irmão, Raol. Este enviava colaboração de Paris para a RFB e havia sido diplomata francês em Montevideo. Outra pista sobre Duncan Wagner é que, muito ligado aos parnasianos brasileiros, fez parte do grupo que fundou a revista *Kosmos* (1904-1909), ao lado de Bilac (que ali assinava Fantásio), de Ferreira de Araújo (o já citado e conhecido editor da *Gazeta de Notícias*, envolvido em várias iniciativas de publicações franco-brasileiras como se viu acima), Medeiros e Albuquerque, Artur Azevedo, Gonzaga Duque entre muitos outros.

Depois dessa passagem pelo Brasil, Duncan Wagner partiu para a Argentina onde encetou o movimento literário modernista *La Brasa* na província de Santiago del Estero, nos anos de 1920, ao lado do outro irmão, Émile Duncan, e dos colegas Bernardo Canal Feijóo e Orestes de Lullo (Ocampo, 2007 [2005]).

Como diretor da *Revue Franco-Brésilienne*, Duncan Wagner se empenhava não só para fazer representar o espírito latino, promovendo a cultura hexagonal, como atuava para integrar os brasileiros à literatura internacional, como demonstram as traduções dos literatos em ascensão, função que possivelmente lhe garantiu maior admiração no meio e talvez tenha servido de estratégia de sobrevivência da publicação.

Por outro lado, sua autuação polêmica talvez seja um dos motivos para o fim da revista. A falta de recursos não pode ser descartada como hipótese para a publicação sucumbir antes de seu primeiro aniversário, assim como os conflitos públicos e explícitos com compatriotas, como Charles Morel, da *Étoile du Sud*. Mas o gênio de Duncan pode ter jogado algum papel nessa história.

Vimos antes como Morel não recebeu bem concorrência, acusou a iniciativa de ser “plena de juventude, de promessas e ilusão” e Duncan Wagner não titubeou em abrir fogo contra ele na seção *Les deux Étoiles*, em alusão ao nome de seu periódico, claro, em que a segunda estrela seria a RFB. É uma resposta dura, plena de ironias em quatro longas páginas: “A crer no senhor Morel, um jornal francês para ter sucesso no Rio deve se restringir

à mera platitude”<sup>14</sup> e, dizia Duncan, Morel “declara, de agora em diante, que a colônia que ele pretende representar não pode nem compreender, nem apoiar uma publicação francesa que tenha algumas tendências literárias e intelectuais.”<sup>15</sup> (RFB, 15/09/1898, pp.111-114). A discussão repercutiu até na grande imprensa, na coluna *Palestra* assinada por A. A., iniciais de Arthur Azevedo, no jornal *O Paiz*:

Mandaram-me o 4º número da *Revue Franco-Brésilienne*, e tenho muita pena de não haver recebido os três primeiros. O Sr. Duncan Wagner, diretor desse interessante periódico, tenha a bondade de considerar as presentes linhas uma doce intimação e enviar-me os números que me faltam.

Este abre por uma crônica dos fatos escritas em muito bom francês. É tão modesto o autor desse trabalho, que não só não o assina, como lhe dá o despreziosíssimo título de *Bulletin*. (...) Em seguida a redação da nova revista ajusta alegremente umas contas com o meu colega. Charles Morel, que tem bastante espírito para não se deixar ficar por baixo. (OP, 29/09/1898)

Além disso, Carmand se envolveu na discussão sobre a constituição de um Centro Artístico, o que pode ter contribuído para o malogro da iniciativa que parecia ter sido tão bem recebida por parte da intelectualidade que depois iria se destacar entre os quadros do parnasianismo.

Sobre este último, houve uma extensa discussão sobre a realização de uma exposição de artistas visuais realizado no Centro referido. A prefeitura do Rio de Janeiro lançou um imposto sobre as inscrições e logo as manifestações começaram a surgir:

Em toda parte do mundo civilizado as tentativas artísticas são auxiliadas pelo governo nacional e pelos poderes municipais. Aqui nesta infeliz cidade de S. Sebastião a municipalidade acaba de lançar um imposto proibitivo sobre as exposições de pintura.

Todo artista que quiser expor os seus quadros, pagará à prefeitura o imposto de 20\$ por dia.

Isto é proibir as exposições, e chega a ser escandaloso.

Ainda mais. Os jornais ilustrados não poderão mais ser expostos sem pagar um tanto à Prefeitura.

O Centro Artístico nomeou uma Comissão para protestar junto ao sr. Prefeito contra essa guerra de morte abertamente declarada contra todas as manifestações

14 « À en croire ce bon M. Morel, un journal français pour réussir à Rio doit se maintenir au niveau de la plus absolue platitude »

15 « il déclare d’ores et déjà que la colonie qu’il prétend représenter ne peut ni comprendre ni appuyer une publication française ayant quelque tendances littéraires et intellectuelles ! »

da arte, mais perseguida pelos poderes públicos do que o jogo e a gatunagem (GN, 16/06/1898).

No dia seguinte é Puck<sup>16</sup> (Bilac? Guimarães Passos?) quem se manifesta sobre a polêmica em uma *Carta Aberta* publicada no dia 17 de junho de 1898 endereçada ao prefeito. Identificando-se como um republicano histórico, refere-se, com muita ironia, que o Centro Artístico é composto por “uma pequena súcia de vagabundos, de idiotas e de pretenciosos”, “borradores de telas”, “fabricantes de poemas”, “rabiscadores de óperas” e que “todos esses Araújo, todos esses Coelho Nettos são uns pobres sujeitos sem eira nem beira” e outras tantas referências a artistas e homens de letras da época com adjetivos nada lisonjeiros. E ainda concorda que o prefeito estava certo em cobrar impostos dos artistas que participariam da exposição: “Diga-me agora o *Centro* sobre quais exposições quereria que se lançasse imposto? Sobre a exposição dos buracos e dos atoleiros que a municipalidade e a prefeitura mantêm nas ruas da cidade?” (GN, 17/06/1898).

Essa foi apenas uma das polêmicas em torno do Centro Artístico<sup>17</sup> que encontrou toda sorte de dificuldade e resistência de certa sociedade em torno do qual o grupo da RFB estava engajado. Duncan Wagner foi seu defensor e se isso lhe rendeu simpatias de nomes como Coelho Neto e Olavo Bilac, acirrou ânimos e pode ter sido um dos motivos que comprometeu a continuidade de sua publicação.

Um artigo assinado apenas por L. de C. de 6 de novembro de 1898, pouco antes do último número da RFB, publicado na *Gazeta de Notícias* sob o título “De Viseira Erguida”, faz uma lauta homenagem à revista e seu editor. E um dos motivos para a homenagem é justamente a defesa que fazia do Centro Artístico, deixando claro que isso lhe custou o apoio e lhe rendeu antipatia no meio.

A RFB estava bem inserida no contexto da imprensa brasileira de fins do século XIX, não podendo ser considerada meramente uma publicação da colônia francesa, tampouco resultado da mera cópia de referências estrangeiras feita por brasileiros.

<sup>16</sup> Provavelmente, é o pseudônimo de Guimarães Passos ao passo que Olavo Bilac usava o pseudônimo de Puff. “O livro humorístico *Pimentões: rimas d’O Filhote*, publicado pela Laemmert em 1897, é assinado por Puff, pseudônimo de Bilac, e Puck, pseudônimo de Guimarães Passos. É possível pensar que os autores não desejavam associar seus nomes a obras que lhes traziam muito capital econômico, mas pouco capital simbólico” (Bignotto 2007, p. 164). Porém, Antonio Dimas (2006, p. 404) o identifica como de uso de Bilac, de modo que o texto na *Gazeta de Notícias* pode ter sido escrito por este último, também colaborador na RFB de 1898.

<sup>17</sup> Alguns dias depois, no dia 24 de junho, a nota “Pela Arte” na *Gazeta de Notícias* explica que o responsável pela exposição era Aurélio de Figueiredo e que contava com a licença aprovada. Ao buscá-la na prefeitura foi surpreendido com a cobrança do imposto a ser pago em 48 horas. A polêmica que reverberou na imprensa chegou até o prefeito, que acaba por deliberar pelo cancelamento do imposto.

## Considerações Finais

Se vista pela perspectiva das histórias conectadas, pode-se afirmar que a imprensa franco-brasileira contribuiu para consolidar na imprensa nacional matrizes estrangeiras bem difundidas na imprensa ocidental, sem que, com isso, sua recepção fosse passiva. Seus agentes foram colaboradores estrangeiros que atuaram intensamente no jornalismo local, sempre em total conexão com brasileiros, como alguns dos nomes envolvidos com a RFB.

A revista pode ser considerada, assim, uma revista literária nacional-estrangeira de uma linhagem inaugurada algumas dezenas de anos antes. Também no contexto do corpus das publicações em francês no Brasil, mostra-se dentro de uma tradição que visava integrar melhor brasileiros e franceses com um sentido eminentemente literário, embora tenha também exercido funções de órgão diplomático, de interesses comerciais e financeiros, todavia com menos ênfase que algumas de suas contemporâneas e concorrentes como a *Étoile du Sud*. A revista deu amplo espaço às coisas do Brasil, como o nome sugere, inclusive com vários textos em português e traduções de literatura brasileira para o francês, e configura-se também como uma precursora de revistas mundanas que serão muito difundidas no século XX.

Ela se insere em uma tradição observada em pesquisa que temos desenvolvido e que vai além da representação dos grupos imigrantes franceses de onde é originária: criar estratégias de inserção no mercado editorial brasileiro usando da herança da boa recepção da cultura francesa entre a elite europeizada e educada nos moldes hexagonais; criar laços de sociabilidade com nomes em ascensão ou já consolidados na elite intelectual, por meio de colaboração (abrir espaço em suas rubricas) e mediação (promover traduções como maneira de suposta inserção da cultura brasileira no exterior); se engajar em causas políticas e culturais que corroborassem as inclinações desses possíveis apoiadores (do republicanismo à criação do Centro Artístico); e, por fim, mas não menos importante, legar aos brasileiros e às coisas do Brasil uma representação predominantemente positiva e laudatória.

Nem sempre essa agenda era cumprida. Críticas às condições precárias do ambiente urbano e intelectual irrompiam aqui e ali, principalmente na gestão de Alfred de Carmand. Mas o esforço geral legou certo sucesso e repercussão em circunstâncias adversas para uma iniciativa desse estilo, tanto que a RFB fez escola e futuras publicações de relativa importância como a revista *Kosmos* lhe são, de alguma forma, devedoras.

Não é o caso de aprofundar nesse espaço outros aspectos passíveis de serem explorados a partir de estudo da RFB, mas se espera com esse primeiro panorama do

periódico expor como um campo cultural e literário se constituiu em torno de um periódico franco-brasileiro que, afinal, era parte atuante da imprensa nacional e assim deve ser considerado frente às novas abordagens propostas para a análise da imprensa alófona.

## Bibliografia

- Ambroise-Rendu, A. C. (2004) *Petits récits des désordres ordinaires. Les faits divers dans la presse française de la III<sup>e</sup> République à la Grande Guerre*. Paris, S. Arslan, coll. Histoire, cultures et sociétés.
- Barbier, F. (2015) "La naissance de l'imprimerie et la globalisation". In: Testot, Laurent (dir.) *Histoire Globale – un autre regard sur le monde*. Belgique: Seuil/ Sciences Humaines Éditions.
- Bignotto, C. C. (2007) *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. PhD Thesis, IEL-UNICAMP.
- Bilac, O. (2016) *Vossa Insolência: crônicas*. Organização Antônio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cardoso, R. (2011) Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado In: Knauss, P. et alli. *Revistas Ilustradas – modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/Faperj.
- Carelli, M. (1994). *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas, São Paulo: Papirus.
- Carvalho, J. M. de (1987) *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Charle, C. (2015). *La dérégulation culturelle – essai d'histoire des cultures en Europe au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: PUF.
- Cooper-Richet, D. (2011) Aux marges de l'histoire de la presse Nationale : les périodiques en langue étrangère publiés en France (XIX<sup>e</sup>-XX<sup>e</sup> siècles). *Le Temps des médias – Revue d'histoire*, n. 16, pp.175-187.
- Dimas, A. (1983) *Tempos Eufóricos : análise da revista Kosmos, 1904-1909*. São Paulo: Ática.
- Dimas, A. (2016) *Olavo Bilac: jornalista*. São Paulo: Edusp.
- Espagne, M. (2012). "Transferências Culturais e História do Livro". trad. Valéria Guimarães In: *Livro- Revista do NELE*, São Paulo: Ateliê Editorial, n. 2.
- Fonseca, L. P. (2016). *Uma revolução gráfica: Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil, 1895-1898*. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda.
- Gimenez, P. R. (2019). O teatro e a literatura na *Revue Franco-Brésilienne*, comunicação apresentada no IV Encontro Transfopress Brasil – Imprensa e Mediações Transnacionais, UNIFESP, São Paulo, 30 e 31/10/2019.
- Guimarães, V. S. (2019) A Imprensa Francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. *HISTÓRIA* (São Paulo), v. 38, pp.1-23.

- Guimarães, V. S. (2017) Imprensa franco-brasileira e mediação: Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX In: Luca, T. R.; Guimarães, V.G. (org). *Imprensa Estrangeira publicada no Brasil*. São Paulo: Rafael Copetti Editor.
- Guimarães, V. S. (2015). Da História Comparada à História Global: imprensa transnacional e o exemplo do *Messenger* de São Paulo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 466, pp.87-120.
- Guimarães, V. S. (2014). Primórdios da história do sensacionalismo no Brasil: os faits divers criminais. *Revista ArtCultura*, v. 16, n. 29, jul.-dez., pp.103-123.
- Kalifa, D. (1995) *L'Encre et Le Sang : récits de crimes et société à la Belle Époque*. France: Éditions Fayard.
- Maurel, C. (2014) *Manuel d'histoire globale – comprendre le “global turn” des sciences humaines*. Paris: Armand Colin, 2014.
- Needell, J. (1993). *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nitrini, S. (2018). Um olhar sobre a literatura comparada no Brasil. *Cadernos do IEB 10*. São Paulo: IEB/USP; ABRALIC.
- Pinson, G. (2016). *La culture médiatique francophone en Europe et en Amérique du Nord – de 1760 à la veille de la Seconde Guerre mondiale*. Quebec: Presses de l'Université de Laval.
- Ocampo, B. 2007 [2005]. *La nación interior: Canal Feijóo, Di Lullo y los hermanos Wagner - el discurso culturalista de estos intelectuales en la provincia de Santiago del Estero*, 2a. ed. Buenos Aires: Ed. Antropofagia.
- Simões Junior, A. S. (2014). *Estudos de Literatura e Imprensa*. São Paulo: Editora Unesp Digital.
- Sodré, N. W. (1999). *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad.
- Théréthy, M.E. & Vaillant, A. (Eds.) (2004) *Presse et Plumes. Journalisme et littérature au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions.
- Ventura, R. (1991) *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vidal, L.; Luca, T.R. (org) (2009). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora Unesp.
- Werner, M.; Espagne, M. (dir.) (1988). *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand XVIII-XIXe siècles*. Paris: Éditions Recherches sur les Civilisations.

## Fontes

Jornais do Rio de Janeiro (1898)

AN – A Notícia

GN - Gazeta de Notícias

*Guimarães, Valéria dos Santos. Revue Franco-Brésilienne (Rio de Janeiro, 1898): Uma aventura parnasiana na Belle Époque tropical*

GT – Gazeta da Tarde

JC – Jornal do Commercio

OP – O Paiz

### **Revistas**

RFB - Revue Franco-Brésilienne, Rio de Janeiro, 1898